

Comunicação e mediações: *novas perspectivas*

**ENEUS TRINDADE
LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
MARIA ANGELA PAVAN
MARIO L. FERNANDES (orgs.)**

**PROCAD – CAPES
Universidade de São Paulo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**

ISBN 978-65-88640-27-2
DOI 10.11606/9786588640272

**São Paulo
Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP)
2021**

Uma cartografia para a pesquisa comunicacional e os mapas das mediações

Maria Immacolata Vassallo de Lopes¹

Introdução: o conceito de mediação e a cartografia como método

O artigo tem teor epistemológico e metodológico, com respeito aos conceitos e processos de mediação e à cartografia como método de pesquisa das mediações.

As profundas transformações dos contextos sociais e dos estilos de vida, que ocorreram principalmente nos últimos 30 anos, trazem consigo a emergência também de novas formas de cognição e perspectivas epistemológicas. Nesse contexto, houve uma profusão de métodos e abordagens para a produção de conhecimento que tinham como meta reestruturar a maneira de realizar pesquisas sociais em geral, entendendo que para haver teorias e práticas, de fato, conectadas com a realidade, necessário entender, se inserir e até intervir no seu tempo histórico. Portanto, para que se possa compreender a emergência e a própria cartografia enquanto método de pesquisa comunicacional faz-se necessário analisar, em conjunto, mesmo que de forma secundária, os aspectos contextuais, ou seja, as clivagens sociais, políticas e subjetividades específicas nos quais insurgem estas novas formas de ver e representar o mundo, na medida em que a mudança de rumo na produção do conhecimento operada se encontra justamente no reconhecimento da imbricação entre o que observa e o que é observado. Isto implica, necessariamente, em enfatizar a estreita relação entre objeto e sujeito da pesquisa e as possibilidades de intervenção mútua entre eles, ao invés de delimitar um sujeito, um método e um objeto estanques, distanciados e universais. Isso não significa, contudo, que não seja importante delinear direções e objetivos, mas que estes devem ser constantemente reavaliados e confrontados com o objeto de pesquisa. Com efeito, a construção da cartografia como método só pode resultar da interlocução entre o pesquisador, o conhecimento teórico, o objeto a ser estudado e as práticas e narrativas desenvolvidas pelos atores envolvidos na pesquisa.

Com tal objetivo, analisaremos a cartografia através dos vários mapas metodológicos das mediações que foram acompanhando as mudanças históricas das relações entre comunicação e sociedade, o que tem levado ao aperfeiçoamento da teoria das mediações.

A teoria barberiana das mediações não se confunde com uma teoria da recepção e seu alcance está em compreender o inteiro processo da comunicação, tal como é concebido dentro de cada um dos mapas propostos.

Partimos de um conjunto de princípios atribuídos por Jesús Martín-Barbero ao conceito de mediação:

- a) a comunicação hoje é uma questão de mediações mais do que de meios de comunicação;
- b) a mediação constitui uma perspectiva teórica compreensiva tanto dos processos de produção, do produto, como da recepção;
- c) todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações.

Acompanhando temporalmente o conceito, notamos que:

- a) a mediação é inicialmente vista como uma perspectiva de investigação sobre e a partir da recepção;
- b) afirma-se progressivamente a importância da mediação para uma teoria da comunicação;
- c) não há uma definição única de mediação;
- d) mediação é uma noção plural: mediações.

Como afirma Martín-Barbero e Sonia Munhoz (1992, p. 20):

As mediações são esse ‘lugar’ de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver.

11

Mapas metodológicos da mediação: da mediação cultural da comunicação à mediação comunicativa da cultura

A leitura da cartografia das mediações que o próprio autor propõe é por meio dos sucessivos mapas das mediações apresentados nas introduções das diferentes publicações de *De los medios a las mediaciones* (MARTÍN-BARBERO, 1987; 1998; 2010a)².

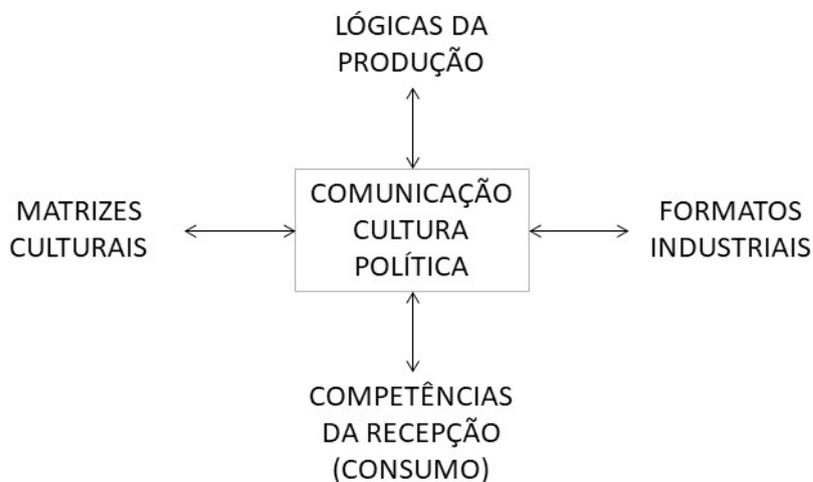
É fundamental acompanhar as modificações que os mapas das mediações apresentam ao longo da obra barberiana. Por isso, não há uma definição única de mediação, uma vez que ela parece ser uma noção movente, que acompanha permanentemente as transformações da sociedade e, especificamente, as da comunicação.

Por ser a sociedade contemporânea uma *sociedade da comunicação generalizada* (VATTIMO, 1992), são os processos comunicacionais enquanto operadores de sentido e o mercado como operador de valor, que movem, por meio de suas contradições e ambivalências, os vínculos sociais entre os sujeitos.

Daí o primeiro mapa metodológico em que Martín-Barbero (1987) propõe o enfoque epistemológico da *comunicação a partir da cultura* ou o estudo das *mediações culturais da comunicação*.

É o que se vê representado na Figura 1.

Figura 1 - Primeiro mapa metodológico das mediações, de 1987



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Martín-Barbero (1987). Introducción 1.

12

No centro do mapa estão as mediações constitutivas ou fundantes: *comunicação, cultura e política*. Elas remetem a dois eixos: o diacrônico ou histórico, entre *matrizes culturais* e *formatos industriais*; e o sincrônico, entre *lógicas da produção* e *competências da recepção (consumo)*.

O segundo mapa é do final dos anos 1990, quando fica evidente uma complexa teoria das mediações que ultrapassa a configuração de uma teoria da recepção. O mapa agora tem por objetivo o estudo da cultura a partir da comunicação, deslocando o estudo das *mediações culturais da comunicação* para o das *mediações comunicativas da cultura*. O olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. É a própria noção de comunicação que é repensada. Passa-se a dar mais densidade epistemológica de conhecer o que vem da comunicação, que mostra a Figura 2.

Figura 2 - Segundo mapa metodológico das mediações, de 1998



Fonte: Adaptado de Martín-Barbero (1998; 2001). Introducción 2.

Por meio deste mapa, é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, impondo-se como uma dimensão da articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura.

13

A mediação deve ser entendida como o processo estruturante que configura e reconfigura tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Ela exige pensar ao mesmo tempo o espaço da produção, assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas.

A necessidade de *decoupage* do conceito a fim de torná-lo metodologicamente manejável, leva-nos a afirmar os princípios da cartografia das mediações que se seguem.

A mediação tem uma natureza triádica indissolúvel - cultura, comunicação, política – a que chamamos *mediações constituintes* ou *fundantes*, porque:

Mais do que objetos de políticas, a comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencimento a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva (MARTÍN- BARBERO, 2001, p. 15).

A mediação é um espaço que coloca em relação dialética as lógicas da produção e do consumo, os formatos industriais e as matrizes culturais. O esquema também se move em dois eixos: o diacrônico, ou histórico de longa duração – entre as *matrizes culturais* e os *formatos industriais*; e o sincrônico, entre as *lógicas de produção* e as *competências de recepção*. A novidade é que estas constituem quatro *mediações*

básicas que estão articuladas através de *submediações* ou *múltiplas mediações*.

A relação entre as matrizes culturais e a lógica da produção é mediada por diferentes regimes de *institucionalidade*, enquanto a relação entre as matrizes culturais e as competências da recepção é mediada por várias formas de *socialidade*. Entre a lógica da produção e os formatos industriais medeia a *tecnicidade*, e entre os formatos e as competências da recepção medeia a *ritualidade*.

Não parece ser por acaso que, de um ponto de vista sistêmico, o objeto de estudo de Martín-Barbero seja a mediação, em primeiro lugar, como tecido de processos e materialidades da comunicação em um ambiente social e cultural, e em segundo, como um sistema de “des-coberta” de falsas polaridades. E nem é por acaso que todo objeto de estudo possa ser metodologicamente tratado por um pesquisador a partir da perspectiva de uma cartografia das mediações.

A importância dos sucessivos mapas está em reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade. Portanto, o olhar não se inverte no sentido de ir dos meios para as mediações e nem das mediações aos meios, senão para ver a complexa teia de múltiplas mediações. Foi necessário ao autor repensar a própria noção de comunicação, noção essa que sai do paradigma da engenharia e se liga com as *interfaces*, com os *nós* das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação *intermediada*³. E porque a linguagem é cada vez mais intermediada, o estudo deve ser claramente interdisciplinar. Ou seja, trata-se de uma epistemologia que coloca em crise o próprio objeto de estudo.

Segundo o autor, o que existia era que a identidade da comunicação era achada nos meios e, hoje, ela não se dá somente nos meios. A comunicação ocorre na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma *intermediação*, que é um conceito para pensar a hibridização das linguagens e dos meios.

Essa é a situação que marca a sociedade contemporânea que, com sua “[...] mutação tecnológica, passou a configurar um novo ecossistema comunicativo [...]” (MARTÍN- BARBERO, 2010a, p. 222), o que mostra a Figura 3.

Figura 3 – Terceiro mapa metodológico das mediações, de 2010



Fonte: Adaptado de Martín-Barbero (2009a; 2009b; 2010a). Introducción 3.

Focalizando apenas os eixos vertical e horizontal, esse terceiro mapa vincula os anteriores com a investigação das mutações culturais contemporâneas, cujas mediações básicas são a temporalidade e a espacialidade, a mobilidade e os fluxos.

Seguindo o autor, a temporalidade contemporânea configura a crise da experiência moderna do tempo, que se manifesta na transformação profunda da estrutura temporal, no culto ao presente, no debilitamento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos que nos prende à simultaneidade do atual.

A espacialidade se decupa em múltiplos espaços: o espaço habitado do território feito de proximidade e pertencimento, o espaço comunicacional que tecem as redes eletrônicas, o espaço imaginado da nação e de sua identidade, o espaço da cidade moderna com a subjetividade que emerge da nova relação com a cidade e dos modos de sua apropriação.

A mobilidade, do trânsito incessante das migrações e das navegações virtuais dos internautas, nos traz o aparecimento das novas figuras de sensibilidade. E os fluxos que, como os dos migrantes que provocam desordens sociais e políticas na cidade, também são os fluxos de imagens, informação, das imagens, linguagens e escrituras virtuais que desestabilizam a cultura letrada e escolar. A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum.

A primeira grande síntese sobre as mediações foi formulada no livro *Dos meios às mediações*, lançado em 1987. Entretanto, a despeito da notável repercussão dessa obra, algumas vezes têm incitado o autor a escrever outro livro que respondesse à

inversão desse título, isto é, *Das mediações aos meios*, a fim de “reequilibrar”, no binômio, o peso da comunicação que teria sido subsumida pela cultura. Apesar de não concordarmos com o reducionismo que subjaz a essa proposta, talvez o autor tenha, de fato, aceito a incitação, pois o que temos visto, nos seus escritos dos últimos anos, é um notável esforço em oferecer pistas para elucidar (“entre-ver”, como diz ele), cada vez mais, as relações entre meios e mediações. O que nos conecta ao debate epistemológico atual nos estudos latino-americanos de comunicação (LOPES, 2014).

Devido ao adensamento teórico dado à noção de *tecnicidade*, vale a pena fazermos algumas reflexões sobre a sua importância para o alargamento do estatuto teórico e metodológico da pesquisa de comunicação nos países latino-americanos.

Através da noção de *tecnicidade*, possível entender a técnica como constitutiva, como dimensão imanente de uma noção antropológica de comunicação. Tomamos esta expressão não no sentido habitual de imputar essa visão à disciplina Antropologia, mas no sentido gramsciano do *elementarmente humano*. A necessidade da categoria *tecnicidade* se justifica, pois, no que ocorre hoje com a comunicação, não se dá a devida conta à noção grega de *techné*, que remetia à destreza, à habilidade de fazer, mas também de argumentar, de expressar, de criar e de comunicar através de formas materiais. Destreza essa que se atualiza com base nos novos modos de lidar com a linguagem. No entanto, caminhou-se para a noção de técnica como aparato, como objetivação da *techné* nas máquinas ou nos produtos. Nem um nem outro desses sentidos de técnica parecem ser suficientes, hoje. Porque na técnica há novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender, novas linguagens, novos modos de expressão, de textualidades e escrituras. O sentido da tecnicidade não se relaciona à ideia de mero aparato tecnológico, mas à competência na linguagem (MARTÍN-BARBERO, 2004), às materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão origem a formatos e produtos midiáticos. A tecnicidade não da ordem do instrumento, e sim dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social. Afasta-se, portanto, da noção de técnica como mero aparato, recuperando o original sentido do termo grego *techné*. Haveria uma espécie de *intermediação como experiência comunicativa*, ou seja, de muitas interfaces entre os diferentes meios e destes nos diferentes espaços comunicativos do consumo e da criação. O que está aí implícito é a recusa do sentido instrumental de tecnologia tão sedimentada nos estudos de comunicação.

Reconhecer a envergadura que a tecnicidade tem hoje, não mais como instrumento, mas incrustada na estrutura mesma do conhecimento e da vida cotidiana, é uma *pista metodológica forte* que nos dá Martín-Barbero.

possível transportar essa ideia desenvolvida acerca dos meios tradicionais para a lógica da sociedade em rede multiconectada, que traz, especialmente por meio do uso

do computador e do celular, o acesso às novas mídias digitais. Novas formas de ação e novos tipos de relacionamentos sociais emergiram por meio do desenvolvimento dos meios de comunicação, permitindo novos modos de interação. Há pouco tempo restrito às classes socioeconômicas privilegiadas, esse mundo digital chega aos que têm menor poder aquisitivo e cria massa de consumo para essas tecnologias. Dentre outros fatores, isso decorre muito especialmente da *competitividade tecnológica* e dos usos da tecnicidade (MARTÍN-BARBERO, 2001), por onde passa hoje em grande medida a capacidade de inovar e de criar. Porque a tecnicidade é menos assunto de aparatos que de *operadores perceptivos* e destrezas discursivas. Tratar-se-ia de uma *tecnicidade cognitiva e criativa* (SCOLARI, 2008), porque confundir a comunicação com as técnicas e os meios resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à comunicação.

Essa é a situação que marca a sociedade contemporânea que, com sua “mutação tecnológica passou a configurar um novo ecossistema comunicativo” (Martín-Barbero, 2010, p. 222).

Isso é o que representa a Figura 4.

Figura 4 – Quarto mapa metodológico das mediações, de 2017



Fonte: Entrevista de JMB a Omar Rincón, 2017

Na historicidade dos problemas trazidos para o pesquisador, Martín-Barbero pousa em outro e mais novo mapa para continuar a estudar as *mutações comunicacionais e culturais do nosso tempo*. O adensamento teórico dado às mediações da *tecnicidade* e da *sensorialidade* é representado no seu novo estatuto de *mediações básicas* a que são alçadas no quarto mapa.

Através de diálogos com Merleau Ponty, Stuart Hall, Walter Benjamin e Milton Santos, entre outros, Martín-Barbero assinala que as tecnicidades implicam hoje uma reconfiguração da sensorialidade e da socialidade:

Considero crucial repensar las relaciones entre lo universal y lo particular desde ese nuevo lugar en que se ha convertido el mundo, el segundo⁴ desafío que enuncié es el de repensar la técnica. Lo que significa en primer lugar, pensar juntos el hipertexto y el palimpsesto, y en segundo lugar, asumir sin miedos, ni tramposos complejos, el desafío que nos plantea la sensibilidad de los más jóvenes y sus empatías cognitivas y expresivas con las narrativas que las tecnologías hacen posible. Y en tercer lugar, pensar la técnica es iniciar el reconocimiento de una nueva figura de razón, la de la imagen informática que deja de ser mera apariencia, engaño, expresión de la dimensión irracional, para entrar a formar parte constitutiva de los nuevos modos de construir conocimiento (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.118).

Trata-se de um novo mapa rizomático em que essas mediações se tornaram básicas e se des-pregam podendo ser relacionadas em formas de direções e densidades diferentes.

Dependendo do problema de pesquisa, as mediações podem ser mobilizadas e articuladas com *identidades, redes, cidadanias e narrativas*. Estamos diante de uma série de pistas que seguramente atenderão aos objetos das pesquisas de comunicação contemporâneas.

Nesse último mapa, Martín-Barbero projeta seu interesse atual pela teoria da sensibilidade que, a nosso ver, o leva a dialogar com Rancière e a *partilha do sensível* de duas maneiras. Primeira, na linhagem iniciada por Benjamin e o surgimento de um novo *sensorium* na modernidade e que chega a Rancière. Semelhante a este, Martín-Barbero recusa em reduzir a estética a uma reflexão especulativa ou circunscrevê-la ao âmbito do artístico, mas ao contrário, alargá-la a uma reflexão vinculada aos muito distintos regimes de sensibilidade que coexistem numa sociedade, e que o leva ao encontro de um regime que não havia sido considerado tradicionalmente estético, o do melodrama. Segunda, a cartografia das mediações dá a ver a disposição das posições e das competências dos indivíduos, pois a sua epistemologia (lembramos do *calafrio epistemológico*) têm como base o olhar descentralizado do estudioso que contempla as margens e a valorização do fluxo comunicacional e do intercâmbio cultural. Ainda, a mediação da *socialidade* revela traçados que vão demarcar as diferentes experiências com o sensível, ou com o “tomar parte na partilha” mencionado por Rancière. Portanto, a cartografia pode ser um instrumento para promover novos parâmetros de representação da partilha do sensível.

A construção dessa cartografia tem natureza dialética, pois, na medida em que um mapa dialoga com as fontes dos mapas anteriores, temos a proposta de um novo

mapa. Portanto, um mapa não substitui o anterior, mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo que exige um pensamento de maior complexidade. Para que a cartografia opere de modo rizomático, percorre-se os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias que vão se aplicando e se revendo em função dos fenômenos em estudo. A cartografia diz respeito a um método estratégico-rizomático. A historicização das mediações dentro da teoria leva a tomar distância das certezas metafísicas e do racionalismo positivista para propor categorias possivelmente transitórias para dar conta de uma realidade mutável e suscetível de intervenção⁵.

Considerações finais

A incorporação dessa cartografia das mediações nos estudos de comunicação dá origem a novos lugares metodológicos. A apropriação dos mapas pelo pesquisador depende da estratégia metodológica que adotar em uma dada pesquisa empírica, de modo que a escolha possa recair em determinadas mediações, e não em outras, dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica. Desde a pesquisa sobre a recepção de telenovela (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002), que se tornou referência de trabalho empírico com base na metodologia das mediações, vem se demonstrando que os mapas barberianos devem ser usados estrategicamente nas pesquisas de comunicação.

Sendo o objeto de estudo, por exemplo, um determinado produto comunicacional (telejornal, telenovela), a partir desse formato industrial, o pesquisador pode acionar elementos de sua linguagem televisiva em articulação com lógicas da produção explorando a tecnicidade. Também poderá articulá-lo às competências de recepção por meio das mediações da ritualidade ou da socialidade. Trata-se, então, da elaboração de uma específica estratégia de uso dos mapas das mediações para sua pesquisa empírica.

Referências

BASTOS, Marco Toledo. Medium, media, mediação e midiatização: a perspectiva germânica. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: Edufba, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**.

São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonia. Barcelona: Gustavo Gili, 1987. Obra com a primeira introdução.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUNHOZ, Sonia (Coord.). **Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonia. 5. ed. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998. Obra com a segunda introdução.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Obra com a primeira introdução.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 163, set. 2009a.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009b. 20

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Anthropos e Universidad Autónoma Metropolitana de México, 2010a. Obra com a terceira introdução.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Introducciones de los medios a las mediaciones**. Bogotá: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina; Fundación Friedrich Ebert, 2010b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La pertenencia en el horizonte de las nuevas tecnologías y de la sociedad de la comunicación. In: HOPENHAYN, Martin; SOJO, Ana. (Comps.). **Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas. América Latina desde una perspectiva global**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: Elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva**. Barcelona: Gedisa, 2008.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

Notas

¹ Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coordena o CETVN - Centro de Estudos de Telenovela e o CECOM- Centro de Estudos do Campo da Comunicação da USP. Membro do Conselho Curador da INTERCOM na qualidade de ex-presidente da entidade. Diretora de MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. É pesquisadora 1A do CNPq. E-mail: immaco@usp.br

² Esse acompanhamento pode ser feito através das três introduções às diferentes edições do livro *Dos meios às mediações* (MARTÍN-BARBERO, 1987; 1998; 2010a). Até agora, são três introduções: de 1987, da primeira edição, publicada pela Editora Gustavo Gili, Barcelona; de 1998, da quinta edição, publicada pelo Convênio Andrés Bello, Bogotá; e de 2010, publicado por Anthropos Editorial, Barcelona e Universidad Autónoma Metropolitana de México. E também no pequeno livro *Introducciones de los medios a las mediaciones*, publicado pela Fundação Friedrich Ebert (MARTÍN-BARBERO, 2010).

³ O deslocamento da pesquisa em comunicação para a pesquisa das mediações, na América Latina, é de certo modo análoga ao deslocamento dos estudos da informação para os estudos dos signos, na França, e dos estudos da informação para os estudos dos *media*, na Alemanha (BASTOS, 2012).

⁴ O primeiro é o processo da globalização.

⁵ Identificar a cartografia barberiana ao binômio foucaultiano fazer/poder e à faceta de pesquisa-ação é uma hipótese que deve ser objeto de novas reflexões.